

Nossas homenagens nesta revista

“A infância não é um tempo, não é uma idade, uma coleção de memórias. A infância é quando ainda não é demasiado tarde. É quando estamos disponíveis para nos surpreendermos, para nos deixar encantar. Quase tudo se adquire nesse tempo em que aprendemos o próprio sentimento do Tempo.”

Mia Couto

Nós, educadores, estamos *linkados*, como se expressa a geração Y⁸⁸, a essa garotada para qual estamos deixando um mundo muito diferente daquele que encontramos quando nascemos em meados do século XX. Um mundo que foi sonhado, destruído, construído e debatido por muitos educadores que colocaram em seu trabalho uma energia vital que tem possibilitado às infâncias presentes e futuras refletir e produzir novos caminhos em direção a um mundo mais generoso, mais incluyente e muito mais ecologicamente preocupado.

Este número dedicado à discussão das Infâncias nos levou a inúmeras reflexões sobre a vida e suas transformações, pois todos já fomos crianças, jovens e alguns chegamos à maturidade nos conectando profundamente com o mundo por meio das novas gerações. Consideramos, ainda, como diz Mia Couto, que a infância é esse tempo que vai para além de uma etapa de nossa vida, é uma abertura para experiências que nos mantêm vivos.

Assim, nossa homenagem neste número da revista endereça-se a quatro educadores cujas trajetórias profissionais foram marcadas por experiências instituintes para crianças e jovens que tiveram e ainda têm a oportunidade de com eles conviver. Nossos homenageados são pessoas que estão presentes em vários espaços da elaboração de políticas voltadas

⁸⁸ A GERAÇÃO Y nasceu a partir dos anos de 1980 nos países Europeus e na América do Norte e

para uma educação de qualidade socialmente referenciada.

Nossas homenagens vão para as eternas amigas e educadoras Dayse Guimarães e Lea da Cruz, que se aposentaram recentemente da Universidade Federal Fluminense, mas que estão presentes diariamente em muitos detalhes.

Não há dia em que não sintamos falta das palavras calmas e amigas de Dayse, de sua maneira de ver o mundo, que nos tem levado a crer que ainda é muito bom trabalhar em uma universidade pública e que é possível atuar no mundo para potencializar a formação das gerações futuras em um paradigma de gentileza.

Sentimos presente nos corredores da FEUFF o perfume e as ponderações singulares de Lea, que nos conduz sempre a refletir sobre a possibilidade de uma outra forma de fazer política, menos ácida e menos beligerante. Que trata sempre com muito afeto, delicadeza e firmeza a todos nós, possibilitando-nos a confiança para seguir na caminhada em busca de novos caminhos para se fazer a educação.

Assim, queremos homenagear neste número essas duas educadoras que estão profundamente ligadas à infância desde seus primeiros anos de trabalho como professoras da educação básica.

Homenageamos também dois colegas educadores que faleceram de forma inesperada e nos deixaram órfãos de suas maneiras de fazer e de pensar o mundo e especialmente as questões educacionais: o professor Dácio Tavares Lobo Junior e a professora Suely Pereira da Silva Rosa.

Dácio estava coordenador do Curso de Pedagogia da UFF e sua ligação com as Infâncias está profundamente marcadas em sua vida

encontrou um mundo relativamente mais estável do que o de seus pais. Uma geração que, além de aprender e pensar de forma diferente das gerações anteriores, tende a se considerar como ativos "criadores de conteúdos" ao invés de consumidores passivos de informação. Cresceram em uma década de valorização intensa da infância, com *internet*, computador e educação mais sofisticada que as gerações anteriores. Operam com as novas tecnologias da informação e da comunicação com agilidade mental e motora.

profissional e pessoal. Foi diretor e professor de escola da educação básica e manteve com seu filho Duane uma parceria que foi para além do afeto entre pai e filho: houve uma conexão pelo amor à música.

Suely, inesquecível companheira de militância do SEPE-RJ, foi professora da Escola Municipal Reverendo Martin Luther King e incansável na defesa da educação pública e de qualidade para as Infâncias, Jovens e Adultos especialmente, na maior parte de sua vida profissional, àquela infância que frequenta a escola pública no Rio de Janeiro. Criou duas filhas, uma comunicadora social e a outra que seguiu o seu caminho de educadora. Como avó andava grudada no neto.

Para esses colegas instituintes inesquecíveis vão as homenagens do número 16 da RevistAleph.

Leiam nas páginas a seguir algumas cartas que foram escritas para nossos queridos professores.

À Daisy, querida colega

Ao receber o pedido da Comissão Editorial da Revista ALEPH para escrever essas palavras em sua homenagem fiquei ao mesmo tempo feliz e preocupada. Feliz pela oportunidade de poder expressar tudo que gostaria de dizer a você, de você. Preocupada por saber que, por mais que me esforce, não conseguirei transformar sentimentos, pensamentos, impressões em frases que traduzam para os leitores desta revista quem é Daisy Guimarães de Souza e como foi bom ter convivido com esta pessoa na Faculdade de Educação da UFF por todos esses anos.



Se tivesse que definir Daisy numa única palavra, diria: PROFESSORA.

Sim, professora com letra maiúscula, você traz na alma a marca de sua formação. Posso vê-la, sem ter visto, subindo as escadas do Instituto de Educação da Mariz e Barros “vestida de azul e branco”, sorriso solto de moça que tem vida pela frente e a cabeça cheia de sonhos. Penso que essa primeira experiência constituiu de tal forma sua identidade que como a borboleta que rompe o casulo, a normalista se transformou na professora que se transformou na mulher.

Conheci Daisy quando fizemos o curso de Pedagogia na UFF, na década de 70. Nesse tempo ela já era uma experiente professora do então Estado da Guanabara. Juntas dividimos experiências comuns construídas nas aulas, nos trabalhos de grupo, nas leituras e no contato com os professores.

Anos depois, ao retornar à Faculdade como professora, nos reencontramos. Naquele momento me dei conta de como aquele curso deixou marcas profundas em nós duas, a principal delas, a paixão pela História da Educação.

Com você, Daisy, aprendi que a História da Educação, muito mais do que uma área do conhecimento ou uma disciplina, pode ser uma viagem prazerosa para

alunos e alunas sempre dispostos a acompanhar quem estimule seu intelecto, mas sobretudo seus sonhos, sua curiosidade, suas viagens internas. Não espanta que, ano após ano, lá estivesse e ainda esteja você entre os professores homenageados e paraninfos das inúmeras turmas da Pedagogia. É a prova mais contundente de que as viagens ao Egito, à Grécia, a Roma Antiga e Moderna... aos encantos e desencantos da mulher através dos tempos, conduzidas por essa “guia” apaixonada nunca serão esquecidas.

Na chefia do nosso departamento foi possível testemunhar toda sua generosidade, senso de justiça e equilíbrio que são as marcas do seu caráter transparente em essência. Quantos conflitos resolvidos com a simplicidade de quem está acima das disputas de ego, das personalidades renitentes ou dos humores irritados. A todos Daisy tratou com paciência ilimitada e o respeito humano de quem compreende as limitações dos simples mortais.

Agora, chegou a hora de sua aposentadoria. Temos que nos acostumar a ausência de sua presença sempre tranquilizadora nas reuniões, nas decisões de colegiado e nas aulas do nosso curso de pedagogia. A todos nós que ainda ficamos por aqui, você deixou sementes que desejam germinar na cultura de nossa instituição: a principal delas - o respeito aos colegas- está aí para quem quiser se inclinar e colher.

E, se Pallas Atena, sua deusa da cabeça descansa um pouco, que Afrodite, a do coração te inspire com alegria, energia, beleza e amor nesta nova fase de sua vida.

À mestra e colega, com carinho,

Heloisa Villela

Carta dos educadores para Suely Rosa⁸⁹



“Hoje não tenho brincadeiras, críticas às ordens emanadas dos "poderosos" de plantão, não tenho piadas, nem sugestões de atividades, nem bolo de caneca e nem chamada da próxima paralisação. Hoje a notícia é daquelas que a gente não quer acreditar, mas tem que dar porque é a realidade. A Luther King perdeu hoje (22/09/11) mais uma profissional que construiu sua história: Suely Pereira da Silva Rosa. Companheira de lutas, combativa, profissional competente, com capacidade de discurso e texto articulado, visão crítica, consciência política, prática fundamentada e coerente, mulher guerreira. Para mim, amiga e companheira de lutas, de visão ideológica e atitudes políticas comuns, de crença numa escola cidadã como caminho que contribui para mudar o mundo, para transformar a sociedade. Os colegas mais jovens, na escola, não a conheceram, mas com certeza já ouviram falar dela. Fez parte da história da Luther King e faz parte da sua memória. Ela, também, tinha "orgulho de ser Luther King" (Prof^a Maria Cândida Caetano Gomes, Escola Municipal Reverendo Martin Luther King)⁹⁰.

Éramos jovens, quando nos conhecemos, lembra? Na Escola Municipal Conde de Agrolongo, éramos as únicas que iam trabalhar aos sábados. Juntávamos nossas turmas da antiga 8^a série e as preparávamos para o concurso de 2^o grau. Nos sábados, além dos alunos alguns compositores dos blocos e escolas de samba do entorno nos procuravam para ajudarmos na correção dos sambas enredos. Além disso, éramos as únicas que colocávamos os alunos nos ônibus que conseguíamos e íamos para atividades educativas de um dia para mostrar o centro da cidade, os monumentos, a Zona Sul, enfim já em 1974/75 éramos diferentes, pois entendíamos que os processos educativos se davam dentro e fora da escola. A atenção voltada para

⁸⁹ Uma homenagem escrita a várias mãos. As falas dos autores, as vezes se mesclam, na escrita coletiva. Ora é a fala de José Luiz, que conviveu com Suely Rosa, tanto no Sindicato como na Faculdade de Educação da UFF. Em muitos e outros momentos a fala é da Supervisora Maria do Socorro Barcelos, que trabalhou com Maria Cândida e Suely Rosa na Luther King principalmente, mas em outros espaços educativos também. Maria do Socorro Fernandes Barcelos, conheceu Susu (como era chamada afetivamente) há 37 anos, o / um sujeito multifacetado que foi durante toda a sua vida.

⁹⁰ A inclusão do e-mail enviado para muitos colegas e amigos foi autorizada.

a formação de um cidadão pleno e emancipado, passava também pelo direito político que tinham quanto as produções materiais e simbólicas construídas socialmente pelos trabalhadores.

E os nossos projetos e lutas na Escola Martin Luther King? Se recorda do processo da construção do “SOS Luther King”? A discussão sobre a gestão democrática na / da escola era a sua praia, seja na escola como no sindicato. Na Luther King buscava uma participação efetiva, de todos os seus atores. Uma participação consistente, que envolvia poder de decisão de todos para mudar os rumos da escola, que se quer pública, popular, laica, socialmente referenciada para os cidadãos/ães. No sindicato, a gestão colegiada foi mola propulsora para a categoria que representava. Você estava nesta luta.

Acho que somos amigas/os há muitos séculos e que vamos nos encontrando e combatendo os problemas presentes no cotidiano escolar e na sociedade em geral. Você e Maria Cândida sempre com mais ênfase, mas cada uma do seu jeito procurava dar conta das questões postas para a sociedade e seus trabalhadores.

Em um passado, não muito remoto (década de 70’ do Século XX), um dia achamos que era pouco o que tínhamos aprendido em nossa formação inicial. Assim, fomos de barca para a UFF buscar o Mestrado em Letras. Encontramos nosso velho mestre – Prof. Jesus, que nos recomendou que antes tínhamos que fazer uma complementação em Educação, já que vínhamos das letras, para que tivéssemos uma compreensão maior, através de conhecimentos profundos do campo da educação, nos apropriando de elementos fundamentais, para que nossa intervenção fosse consistente e orgânica. Naquele contexto (o da ditadura militar) podíamos discutir, às vezes, mesmos que escondidas, o que acontecia no contexto social mais amplo. Fomos parar na SUAM , com todas as críticas que fazíamos / fazemos às instituições de ensino privado), e aí o bicho começou a pegar. Ao contrário da poesia e lirismo, muita luta e luta grande. Conhecemos, debatemos, refletimos sobre vários pensadores e descobrimos um caminho novo de fazer educação, o que nos levou também a uma nova forma de pensar e fazer política.

Além da pessoa combativa, conhecemos a amiga, a mulher, a comadre (de fato e de coração). Fomos para o mundo com nossas e novas armas, pois ainda, como já dissemos, vivíamos o período da ditadura militar. Alguns de nós saímos e conhecemos novas terras, novas visões de educação e nossa amiga Susu, a guerreira de Oya e Şango / Şango e Oya continuou o combate, fazendo parte da Coordenadoria de Educação, na Secretaria de Educação do Município do Rio de Janeiro, da Supervisão Educacional da Escola Municipal Reverendo Martin Luther King, da Associação dos Supervisores do Estado do Rio de Janeiro – ASSERJ, do SEPE – Sindicato Estadual dos Profissionais da Educação do Rio de Janeiro. Encontros, desencontros, combates infinitos. Você no PT, eu no PC do B e Maria ou Socorro, como simpatizante do PT.

A aproximação do SEPE com a UFF e da UFF com o SINPRO e a FETEERJ, resultou na proposta de formação continuada na Pós-graduação Lato-Sensu em Educação Brasileira e Movimentos Sindicais. Achamos também que contribuiu para que a universidade se articulasse com o Movimento Sindical, principalmente o Movimento Sindical Docente e com os professores das redes básica de ensino.

Em terras estrangeiras, relatávamos as experiências vividas e refletidas sobre o Curso de Graduação em Angra dos Reis, da Pós-graduação Lato-Sensu na UFF, do movimento do SEPE e da CUT – Central Única dos Trabalhadores, o nosso movimento de reunificação SEPE – ASSERJ - AOERJ⁹¹, o papel da CNTE – Confederação Nacional dos Trabalhadores em Educação, da Cut-Regional e Nacional, seja na Itália, Argentina e em outros países da Europa e América Latina. Remávamos e remamos contra a maré imposta. Nos encontrávamos, nos desencontrávamos e saíamos sempre do nosso país de origem, no combate contínuo. As crises surgidas nos anos 90 no movimento social e especificamente sindical e as reformas educativas no período nos solicitava muito. Nossa atenção devia ser dobrada, e você estava lá na luta.

Nas idas e vindas, crianças crescendo, Alúcio partindo, entretanto, Susu na luta cotidiana. Na Luther King, brigávamos, discutíamos, estudávamos, elaborávamos projetos para uma possível emancipação dos sujeitos educativos e pedagógicos (alunos, professores e funcionários). Esta era a função que você buscava imprimir para

⁹¹ AOERJ – Associação dos Orientadores Educacionais do Estado do Rio de Janeiro.

a educação escolar e que conseguiu contagiar alguns(mas) educadoras/es o coletivo Martiniano. Naquele período, combatíamos um sistema louco (década de 80' do Século XX) que, através da Tendência Tecnicista na educação das reformas educativas dos anos 60'e 70', alienava e buscava fazer com que alunos e professores não pensassem. E a nossa luta frente a LDBEN e o PNE, nos anos 90'?

Hoje com uma nova roupagem, combatemos / combatíamos a adoção - pelos nossos governantes, da proposta neoliberal. Uma proposta que não serve para os pobres e que não corrige rumos. Um sistema que engana e exclui forte contingente da população brasileira, por mais que os analistas de plantão, tentem mostrar o contrário. Lutávamos e lutamos em vários contextos. Nos metíamos no meio dos furacões do contexto social. A cooptação de alguns educadores se dava. O modelo era muito forte, mas não desanimávamos, pois o nosso coletivo também era forte. Como nos lembra Bertha de Borja Reis do Valle "Suely Rosa foi um exemplo de cidadania e de profissionalismo. Minha passagem pela Escola Reverendo Martin Luther King teve a presença dela em todos os momentos. Era uma irmã muito querida. Nossas filhas cresceram juntas desde bem pequeninas e Ana Carolina foi uma aluna muito querida na UERJ"

Quantos companheiros/as do SEPE, CUT, CNTE, parlamentares e gestores comprometidos dos legislativos (federal, estadual e municipal) lutavam conosco. Apesar de muito trabalho profissional e político, você arrumava um tempo para dançar na Estudantina e na Elite, famosas gafieiras do nosso Rio de Janeiro.

Aposentadoria chegou e por contingências diversas você pediu arrego, mesmo não entendendo muito bem, percebemos que ninguém é de ferro todo o tempo, somos seres humanos e assim, você foi parar em outras paradas. Não suportamos isso e após alguns anos tentando convencê-la, pois às vezes era muito teimosa, conseguimos trazer você de volta para a educação. Maria tão teimosa quanto você, consegui persuadí-la.

No último projeto que estive envolvida no CEFET (PROEJA-FIC) você conseguiu conquistar vári@s educador@s. Você brilhou, brilhou, brilhou, como

sempre. Temos a certeza que você sempre será lembrada como uma companheira combativa e defensora da educação pública e de qualidade.

Como uma bela borboleta (símbolo de Oyà), você seguiu o seu caminho. Com muito movimento (às vezes contraditórios) em vários planos e dimensões da nossa vida, ventanias e tempestades, para quem a conhecia, fazia parte do seu caminhar. Às vezes voltava a hibernar-se ou voltava para o seu casulo.

Era uma mulher forte e frágil, sensível e impulsionadora de muitas. Chegou um momento em que não conseguiu agüentar os baques que a vida nos causa ou traz. Se fechou no seu casulo por um tempo e por fim assumiu a sua forma de borboleta cintilante definitiva.

Toda vez que avistamos uma borboleta ou vimos uma estrela que brilha muito no universo, lembramos de você Sussu. Da importância que você teve para nós. Quanta gente, com você, aprendeu e ensinou. Você é /foi pura semente que fertilizou e fertilizará o campo educativo e político.

Por isto dissemos: Sueli Rosa, sempre presente!

Ternamente,

*José Luiz Cordeiro Antunes*⁹²

*Maria do Socorro Fernandes Barcelos*⁹³

⁹² Professor da Faculdade de Educação da UFF

⁹³ Supervisora aposentada da E. M. Reverendo Martins Luther King e Supervisora do Instituto Vital Brazil